



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9727 - Resumo Expandido - Pôster - 40ª Reunião Nacional da ANPED (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: O USO DO CIBERATIVISMO NEGRO PARA CONSTRUÇÃO DE APRENDIZAGENS NA CULTURA DIGITAL

Simonia Souza do Nascimento - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO -
UNEMAT

Alessandra Ferreira Mota - UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso

Agência e/ou Instituição Financiadora: Unemat

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: O USO DO CIBERATIVISMO NEGRO PARA CONSTRUÇÃO DE APRENDIZAGENS NA CULTURA DIGITAL

Resumo

O presente projeto visa analisar o uso dos conteúdos compartilhados pelo ciberativismo negro na plataforma YouTube no ano de 2020 como ferramenta potencializadora de promoção da educação antirracista com alunos do Ensino Médio da Escola Estadual José Alves Bezerra, visto que despontam como movimentos online que fundem teorias e práticas ativistas por meio da cultura digital, possibilitando a construção de projetos políticos pedagógicos antirracistas. Portanto, justifica-se apreciar tal manifestação em sala de aula, uma vez que as práticas racistas são reproduzidas no espaço escolar, afetando violentamente a vida dos alunos e em especial, os negros e negras. A pesquisa será norteada pela abordagem qualitativa, no método estudo de caso, uso de procedimentos bibliográficos, técnica de investigação grupo focal e por fim para investigar o conteúdo das mensagens originadas pela intercomunicação no grupo focal utilizaremos a análise de conteúdo proposta por Bardin. Compreendemos que reconhecer o plural não significa trazer respostas aos questionamentos, mas reconhecer sua existência, propiciando discussões legitimadas pela sociedade e consequentemente mudança de paradigma.

Palavras-chave: Educação antirracista, ciberativismo negro, aprendizagem

INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa tem como tema analisar as contribuições do ciberativismo negro para a educação antirracista no Ensino Médio da Escola Estadual José Alves Bezerra. Nascimento (2016, p.113) descreve a educação como um sistema que corrobora com manutenção do racismo, sendo que nestes espaços educativos a reprodução das referências de negros e africanos geram o afastamento e alienação das suas próprias identidades.

Portanto é relevante analisar o uso dos conteúdos compartilhados pelo ciberativismo negro na plataforma YouTube no ano de 2020 como ferramenta potencializadora de promoção da educação antirracista. Dado que a população negra é constantemente violada em

seus direitos sociais, econômicos, culturais, históricos e políticos. E estas transgressões refletem-se diretamente na escola.

PERCEPÇÕES INICIAIS

Os ciberativismos são movimentos emergentes online, que mesclam teorias com práticas ativistas, representam uma grande gama de estratégias, que vão desde campanhas de conscientização online até mensagens projetadas em rede, pontua Vegh (2003). Estes movimentos usam as tecnologias da internet visando a transformação social pelo uso da tecnologia ao questionar a organização política e histórica.

Os vídeos compartilhados na plataforma do Youtube pelos ciberativistas negros dos canais, *Papo de preta*, *Ana Paula Xongani*, *PH Cortês* e *Spartakus*, no ano de 2020 são efetivos, rápidos, didáticos e seus discursos geram engajamento com o público jovem do Ensino Médio. Além de usarem linguagem contemporânea, simples e acessível, apresentam também, repertório que envolve sons e imagens, elementos que geram interação com o conteúdo antirracista.

A cibercultura[1] viabiliza a emersão do ciberativismo negro ao possibilitar o compartilhamento de narrativas, ideias, opiniões, informações, que contestam a democracia racial brasileira e estimulam a tomada de consciência e construção de identidades. Para Lévy (2000, p. 26) estes espaços incitam o aprendizado recíproco no desenvolvimento da inteligência coletiva.

Ao associar os conteúdos dos ciberativistas negros aos projetos políticos pedagógicos é possível que surjam novos saberes, a partir desse leque de conhecimentos e da coletividade. Portanto, como campo para desenvolvimento desse projeto selecionamos a Escola Estadual José Alves Bezerra por localizar-se em um município de colonização gaúcha, que de acordo com Meyer (2015) foi reforçado dia a dia, em número, pelo afluxo de colonizadores, vindos do Sul e Santa Catarina, principalmente de origem alemã e italiana.

Optou-se por um estudo de abordagem qualitativa, que corrobora com o anseio por igualdade de direitos difundido pelo ciberativismo negro na cultura digital. Como método de pesquisa utilizaremos o estudo de caso, visto que conforme Yin (2001, p. 32) possibilita a análise de experiências atuais da vida real, sendo que as fronteiras entre o acontecimento e a circunstâncias não estão determinadas.

A técnica selecionada é o grupo focal que é subscrito por Powel e Single (1996) como uma técnica formada por um grupo de indivíduos selecionados por um pesquisador, na intenção de coletar informações relevantes, por meio da interação, abstraindo desta ação, crenças, valores, percepções e atitudes sobre um determinado objeto de pesquisa.

O grupo focal será composto por dez alunos, selecionados mediante questionário, que segue os seguintes critérios: estudantes na faixa etária de 15 a 20 anos, grupos mistos, ou seja, sexo masculino e feminino, bem como de diferentes pertencas étnico-raciais e classe social. Propomos a realização de oito horas, divididos em seis encontros, sendo um encontro por semana para analisar os conteúdos disponibilizados no YouTube pelos canais ciberativistas negros.

Os encontros serão presenciais ou on-line, organizados conforme as condições epidemiológicas da Sars-CoV-2, causador da Covid-19 e orientados pelo planejamento de um roteiro que oportunizará a transparência diante dos propósitos da pesquisa. No entanto evitamos o engessamento deste itinerário, pois a moderação acontecerá de forma que corrobore com a flexibilidade e autonomia dos alunos.

Em cada encontro será apresentado um vídeo do ciberativismo negro para iniciar as interações e comunicação intragrupo. Após cada encontro será proposto a produção de um relatório que aborde os conteúdos expostos nos vídeos, as experiências e aprendizagens desenvolvidas.

Gondim (2003, p. 158) afirma que a técnica grupo focal propicia dados capazes de analisar hipóteses e formular teorias, que conseqüentemente auxiliam na construção de conhecimentos sobre o tema de pesquisa, dado que amplia as possibilidades de êxito na coleta de dados e informações.

Para investigar o conteúdo das mensagens originadas pela intercomunicação no grupo focal utilizaremos a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), que se trata de um método empírico, rigoroso, que pretende descrever mensagens e permite inferência de conhecimentos. Bem como, concebe-se por meio das diferentes fases, que se organizam em torno de três polos cronológicos: a pré – análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados, por fim, a inferência e a interpretação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conteúdos compartilhados pelo ciberativismo negros contribuem com a construção de saberes sobre a educação antirracista, priorizam o olhar pautado pela pluralidade, heterogeneidade, que estimulam o ato de falar sobre o tema.

Para Hooks (2019, p. 28) falar é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Nesse sentido a correlação entre as experiências compartilhadas pelo ciberativismo negros instigam novas narrativas que confrontam as relações de poder hegemônico.

Mas quando o contexto ao qual se vive é dicotômico e hegemônico há o silenciamento, então como falar, se muitas vezes, enquanto adolescentes, não se percebe a condição de subalternidade? Segundo Spivak (2010) a tarefa do intelectual pós colonial deve ser o de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido(a).

O ciberativismo negro, por intermédio dos vídeos compartilhados no YouTube pode fomentar a tomada de consciência, a construção da identidade, o ato de falar promovidos pela técnica grupo focal com alunos do Ensino Médio da Escola estadual José Alves Bezerra.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise do conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

DENZIN, Norman. LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução Sandra Regina Netz – Porto Alegre: Artmed, 2006.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, v. 12, n. 24, p. 149–161, 2003.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva: por uma Antropologia do Ciberespaço**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MEYER Henrique. **Porto dos Gaúchos: os primórdios da colonização da Gleba Arinos**,

na **Amazônia brasileira** /, organizador. -- Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2015.

NASCIMENTO, Abdias do. ***O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.*** São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

POWELL, R. A.; SINGLE. H. M. Focus groups. **International Journal for Quality in Health Care**, v. 8, n. 5, p. 499–504, 1996.

RABELO, Cláudio. **O que é Cibercultura?** Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CTJqFMQdj4>. > Acesso em: 15 jun.2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG, 2010.

VEGH, S. **Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank.** In: MCCAUGHEY, M., AYERS, M.D. (ed.). **Cyberactivism: online activism in theory and practice.** London: Routledge, 2003.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos** / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre. 2001.

[1]A pronúncia cibercultura justifica-se pela necessidade de não americanizar as palavras, assim como existe a pronúncia cibernético e ciborgue em português. O teórico que cunhou a expressão foi Pierre Lévy e em francês também se fala cibercultura. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CTJqFMQdj4>.